

CARLOS FERNANDO FRANÇA MOSQUERA

JUDÔ PARA O DEFICIENTE VISUAL

Trabalho de Monografia apresentado ao Curso de Especialização em Educação Especial, do Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação, do Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

1985

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	1
1.1	Justificativa.....	2
II	Jigoro Kano.....	2
III	Prática do Judô.....	3
IV	Cor das Faixas.....	4
1.2	Problema.....	5
1.3	Objetivos.....	5
2.	DESENVOLVIMENTO.....	6
2.1	História do Judô.....	6
2.2	Psicomotricidade.....	7
2.2.1	Psicomotricidade.....	8
2.2.2	Tipo de Coordenação.....	13
2.2.3	Interesse do Exame Psicomotor.....	15
2.3	O Problema dos Distúrbios Visuais	17
2.4	Influência dos Distúrbios Visuais sobre o crescimento e o Desenvol- vimento.....	20
2.4.1	Identificação.....	21
2.5	A Importância das Atividades com Movimento.....	23
2.6	Método Especial.....	26
2.7	Judô para o Deficiente Visual.....	30
3.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
4.	RESULTADOS E CONCLUSÕES.....	31
5.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
6.	ANEXO I.....	34
7.	ANEXO II	
8.	ANEXO III	

1. INTRODUÇÃO

A atividade física é uma necessidade própria da época atual em termos globais do ser humano. É importante a prática da Educação Física (Judô); maior se torna essa necessidade junto dos deficientes visuais. Através de exercícios físicos programados como o judô, com seriedade, eles têm condições de preparar-se para a vida, realizando-se econômica e socialmente. O deficiente visual, apesar de ser portador de uma incapacidade que restringe e limita certas ações humanas, pode realizar um grande número de atividades, desde que tenha desenvolvido uma auto-imagem criativa e competitiva para participar do meio social. O reconhecimento da auto-imagem depende diretamente do esquema corporal "*eu físico*", o conhecimento das partes do corpo, lateralidade equilíbrio, coordenação motora, orientação especial, exercícios motores, ginástica corretiva.

O judô praticado regularmente traz para o deficiente visual a auto-confiança, proporciona alegria, aumenta a coragem, favorece o espírito de companheirismo, melhora a independência e ainda afasta inibições e complexos de inferioridade.

Atingir tudo isto é objetivo para a qual deve se dirigir os esforços do professor.

O treinamento dos sentidos remanescentes é de suma importância para a prática de judô para o deficiente visual.

1.1. JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa desenvolver-se-á com indivíduos portadores de deficiência visual da escola Boa Vista, onde já estão praticando o judô a quatorze (14) meses e a faixa etária dos oito (08) aos dezoito (18) anos de idade. Escolhemos essa faixa etária pelo grande número de praticantes da academia de judô da escola Boa Vista (Anexo II).

Talvez com essa pesquisa se possa mostrar um pouco do deficiente visual, esse indivíduo capaz de entrar numa "area de luta" seja ela do judô ou mesmo a da vida, e mostrar que é capaz de vencer, vencer essa luta que talvez nem ele próprio pode "escolher suas armas" mas foi obrigado a entrar e lutar.

Um trabalho ainda pouco explorado em nosso Estado, "talvez" por motivos desconhecidos, mas que poderemos mostrar logo a seguir a importância de uma atividade física para o deficiente visual, essa atividade, será o judô, praticado em uma pequena Academia montada na escola Boa Vista, onde todos empenham-se para poder mostrar ao mundo que são capazes de ser felizes.

II - JIGORO KANO

O nascimento do Judô e a Fundação do Kodakan.

O professor Jigoro Kano, criador do judô, nasceu em MIKAGE, perto de Kobe, em 1860 era o terceiro filho de um alto

funcionário da marinha Imperial.

É no curso desse período da história Japonêsa que se situa a era Meiji (ou de renovação) para reagir à brutal decadência do antigo sistema feudal, o Japão se abre sistematicamente as influências ocidentais.

O ensino do jiu-jitsu nessa época, tende a vulgarizar-se, sobretudo entre os universitários.

O Jigorokano destina-se inicialmente a política, depois do magistério, é de talhe, pequeno, nervoso, mas ainda pouco persistente e pouco forte.

Por essas razões estuda o jiu-jitsu sob a direção dos mais famosos mestres do momento, que lhe inculcam, cada qual sua técnica e sem método predileto, jigorokano verifica então que o jiu-jitsu poderá constituir excelente instrumento educacional, modifica os diversos princípios que lhes foram ensinados, elimina os golpes perigosos, cria um novo sistema, mais completo, mais eficaz, uma verdadeira cultura física e moral que denomina Judô.

"A razão, disse mais tarde o professor Jigoro Kano, pela qual adotei o nome de judô em lugar do jiu-jitsu, é ser o meu método não somente uma arte (Jitsu) mas uma doutrina (Dô)"

III- Prática do Judô

O Judô poderá ser praticado sob três formas:

Randori - Kata - Shiai

- A) Rondori = É um treinamento livre entre 2 praticantes
- B) Kata = É um sistema de exercícios pré-estabelecidos de onde cada praticante sabe de antemão exatamente o que outro irá executar.
- C) Shiai = competição que oferece oportunidade para cada praticante testar o seu aprendizado e a habilidade no judô (Anexo II)

IV - COR DAS FAIXAS

As faixas de acordo com os níveis de progresso alcançado pelos judoístas, terão as seguintes cores:

<u>KYUS</u> (Graduações Inferiores)	<u>DANS</u> (Graduações Superiores)
Iniciantes - Faixa Branca	1º DAN=Faixa Preta (SHO-DAN)
6º Kyu = Faixa Azul	2º DAN=Faixa Preta (NI-DAN)
5º Kyu = Faixa Amarela	3º DAN=Faixa Preta (SAN-DAN)
4º Kyu = Faixa Laranja	4º DAN=Faixa Preta (YON-DAN)
3º Kyu = Faixa Verde	5º DAN=Faixa Preta (GO-DAN)
2º Kyu = Faixa Roxa	6º DAN=Faixa Verm.e branca (ROKUDAN)
1º Kyu = Faixa Marron	7º DAN=Faixa Verm.e branca (SHITI-DAN)
	8º DAN=Faixa Verm.e branca (HATI-DAN)
	9º e 10º DAN=Faixa Vermelha

1.2 - PROBLEMA

- Como ensinar judô para o deficiente visual?

1.3 - OBJETIVOS

- Andar corretamente no tatami
(Área de treinamento)
- Segurar corretamente no quimono
(roupa de judô)
- Quedas básicas do judô
- Alguns golpes e imobilizações do judô
- Participação em Randorei e Shiai

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. HISTÓRIA DO JUDÔ

O termo Judô veio de duas palavras Japonesas - Ju que quer dizer, suave, fluido e o Dô que significa o caminho, o rumo o princípio.

O composto judô deve ser interpretado de duas maneiras interdependentes - É no mesmo tempo o caminho que conduz a elasticidade, a qual deve ser tomada como princípio, como norma de vida.

O judô tem sua origem no jiujitsu, que significa arte de técnica elástica.

Uma antiquíssima lenda Japonêsa conta que, num dia de inverno, um velho filósofo caminha pelo campo coberto de neve. Notou ele, pela primeira vez, que os grossos ramos das árvores terminavam por quebrar sob o peso da neve acumulada, enquanto os ramos mais flexíveis cediam, desembaraçavam-se da neve, que deslizava pelo chão e se levantavam de novo, intactos.

É interessante ver na observação e nas reflexões que ela provocou, o nascimento do jiu-jitsu. Mas é bem mais provável que as técnicas do jiu-jitsu provenham de uma necessidade de preservação. Diríamos hoje: de autodefesa das classes oprimidas contra os guerreiros: depois, dos próprios

guerreiros desejosos de melhorar sua ciência bélica, com diferentes armas ou sem elas.

A palavra YAWARA de Jiu-jitsu, foi mencionada pela primeira vez no Japão em canções acompanhadas de gestos, que datam do século XI da nossa era. Tratava-se, desde essa época, de uma técnica muito vasta de combate corpo a corpo (ku mi-uci) que se desenvolve paralelamente, de outras artes guerreiras (Bu-jitsu) do Japão tais como o Japão, digo Kendo (esgrima de sabre) o Kempo (Espécie de boxe) ou o Kyu-do (tiro no arco).

Assim foram criadas numerosas escolas de jiu-jitsu, nas quais numerosos e renomados professores ensinavam seus golpes secretos. Cada Escola tinha uma técnica e um método particular, e os mestres guardavam entre si, zelosamente, o segredo de terríveis golpes mortais, que só transmitiam a seus alunos preferidos.

Havia por exemplo escolas de jiu-jitsu, especializadas nas luxações e nos estrangulamentos de no ATEMI golpes dados em certos pontos vitais do corpo). Mas o fim visado era sempre o adversário fora de combate o mais depressa possível.

2.2. PSICOMOTRICIDADE¹

A soma e a psique integram a unidade indivisível do homem.

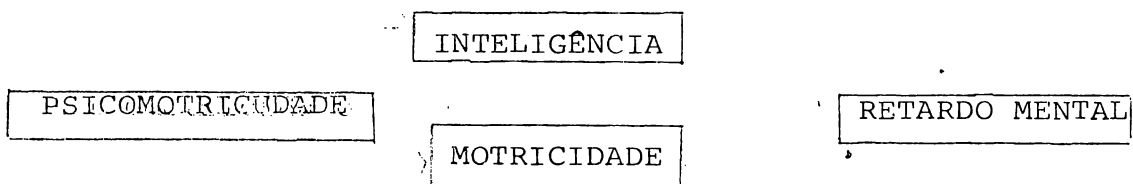
- SOMA - É o conjunto de tecidos do corpo vivo que mantém e transmite o elemento de perpetuação da espécie. Organismo tomado como expressão material em oposição à funções psíquicas. A psicomotricidade como ciência da Educação, enfoca essa unidade educando o movimento ao mesmo tempo que põe em jogo as funções da inteligência.

2.2.1. Psicomotricidade - é a educação do movimento, ao mesmo tempo que põe em jogo as funções da inteligência.

- As primeiras evidências de um desenvolvimento mental normal, não são mais que manifestações motrizes.

- Durante toda a primeira infância até os três anos, a inteligência é a função imediata do desenvolvimento neuro muscular.

- Mais tarde a inteligência e a motricidade independizam-se, rompendo a simbiose (Associação de dois seres vivos - especialmente vegetal no qual há benefícios recíprocos, vida em comum) que só reaparece nos casos de retardo mental.



¹ Educação Física para o excepcional. SEED/MEC 1982 p. 29 e 30

O paralelismo psicomotor se mantém, determinado que um quociente intelectual diminuído, corresponde um rendimento motriz também retardado.

Este paralelismo pode apresentar as mais variadas características; já que, os diversos graus de debilidade mental correspondem no campo motor, a graduações que vão desde a;

- debilidade motriz leve ou deficiência motriz leve - (Torpeza, paralisia, preguiça, espasticidade) até os transtornos importantes ocasionados por lesões do sistema nervoso.
- Espasticidade
- Ataxia - incoordenação patológica dos movimentos do corpo;
- hemiplegia - paralisia de um dos lados do corpo
- diplegia, etc...

Essas alterações profundas não podem ser corrigidos totalmente por nenhum tratamento médico ou corretivo, no entanto, podem ser atenuados com uma reeducação apropriada que eduque os movimentos úteis ou desenvolvam compensações, que ajudem equilibrar o déficit motor.

Os tratamentos anésicos ou fisioterápicos que atuam localmente, podem ajudar o músculo a voltar a sua função natural, mas só um método combinado, que ao mesmo tempo que eduque o movimento, atue sobre o intelecto, o fará progredir realmente no caminho da recuperação total.

Esse duplo caráter, faz com que a psicomotricidade seja deficiente, já que complementa com métodos progressivos que seguem ao mesmo tempo a evolução fisiológica e o amadurecimento intelectual.

O princípio e o fim desta ciência constituem-se na educação do movimento, que é em última instância, a educação das combinações motrizes.

A coordenação geral necessita de uma perfeita harmonia de jogos musculares em repouso e em movimento.

Não adquire o seu desenvolvimento definitivo senão aos 15 anos, o que facilita sua educação precoce e progressiva.

A coordenação geral apresenta dois aspectos bem diferenciados:

- coordenação estática
- coordenação dinâmica

Visto que estas coordenações realizam-se em:

- Repouso e em Movimento.

Coordenação Física - É o equilíbrio entre a ação dos grupos musculares antagonistas, se estabelece em função do tônus muscular, e permite a conservação voluntária das atitudes.

Coordenação dinâmica - É a colocação em ação simultaneamente, de grupos musculares diferentes, para executar um movimento voluntário mais complexo.

Equilíbrio e sinergia dos movimentos automáticos e os não automáticos.

Segundo o tipo de movimento que se põe em jogo, a coordenação dinâmica será:

Geral - quando intervêm membros inferiores, ou em simultaneidade com membros superiores. São como exemplo os exercícios de correr, trepar, lançar bolas, saltar, carregar objetos, subir, descer...

Manual - quando se estabelece por movimentos de ambas as mãos. Cada tipo de coordenação que se educa, tem uma metodologia especial e diferente, que apresenta caracteres muito variados, já que se trata de coordenação dinâmica ou estática, geral ou manual.

No obstante, elas matêm unidades centrais, visto que, são elaborados com critérios evolutivos e seguindo um desenvolvimento psicomotor normal.

Em consequência, para cada idade motriz, existe um plano de educação ou reeducação que corresponde:

- coordenação estática
- coordenação dinâmica geral
- coordenação dinâmica manual
- coordenação visQ-motriz

Esses planos relacionados entre si, e por sua vez, como consciência intelectual, manterão a unidade indestrutível do desenvolvimento.

Para desenvolver a coordenação estática, o equilíbrio, recorre-se a exercícios ginásticos.

Para que se alcance o fim da educação Psicomotora, deverão demandar esforços de atenção, que põem em jogo a psique, constituindo assim um verdadeiro método de ortopedia Mental.

Para isso adaptaremos os exercícios que provoquem ações e que estimulem o intelecto, formando assim, uma imagem mental que ajude a evocação de imitações diversas.

Os exercícios de equilíbrio seguem a progressão de terminada por idades motrizes. (OZERESTSKI e revisado por Guilmain).

Enquanto os de coordenação dinâmica geral, de membros inferiores em simultaneidade com membros superiores, os exercícios de marcha, corrida, saltos, rolamentos, podemos contar com valiosíssimo meio educacional e terapêutico; A rítmica (preferencialmente atividade musical).

A coordenação está subordinada a:

- maturação do sistema nervoso
- idade
- fadiga
- exercícios

Graduando de acordo com a idade cronológica, e idade motriz no deficiente visual, evitam-se fadigas e monotonias se bem aplicados os exercícios.

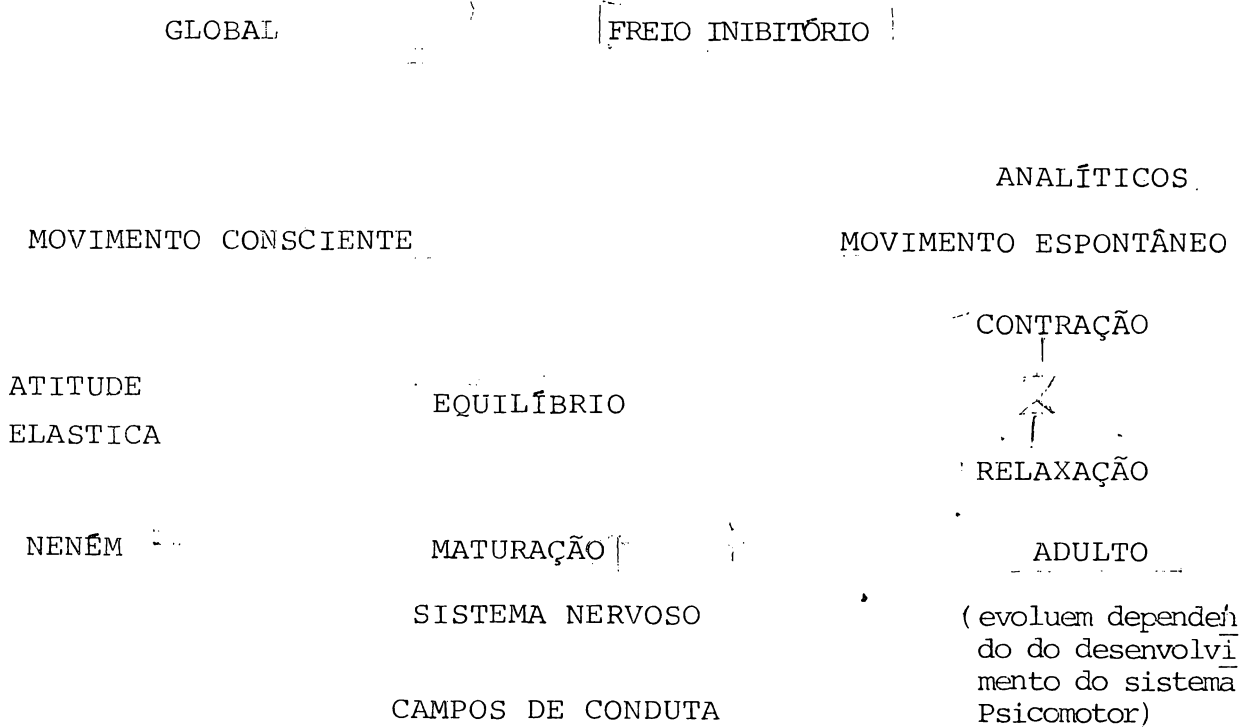
Os exercícios deverão ser repetidos, repetidos, repetidos - condição perimordial para os excepcionais e, porém variando e exigindo uma contribuição intelectual.

2.2.2. 3º Tipo de coordenação - Dinâmica - Manual

- Levarão a - precisão
- rapidez
- a força muscular dos membros superiores, especialmente as mãos.

Progressivamente a criança passa do movimento global para os movimentos Analíticos.

Evolução dos Movimentos



A criança cega pouco estimulada e o deficiente mental quase sempre apresenta retardamento no desenvolvimento.

A criança portadora de cegueira, devemos fazer um exame prévio para termos diagnóstico médico, tipo de transtorno e adequado tratamento corretivo.

O exame motor realiza-se por meio dos:

Teste de OZERETZKI (Eduard Guilmain) adaptado para criança de raça Latina.

Estes testes são baseados no desenvolvimento do S. N. Piramidal e Cerebeloso.

Não medem diretamente o tônus muscular, por isso é fundamental o conhecimento de qualquer alteração ou transtorno no desenvolvimento muscular.

Com isso descobre-se uma idade motora e um quociente motor - podendo ser detectado qual a parte deficiente do Sistema Motor, e conseqüentemente empreender por parte da reeducação.

Eduard Guilmain, agrupa em dois campos a conduta motriz:²

1. De Atividades tônicas - Tônus-Manutenção de atitudes (equilíbrio estático, mímica, freio inibitório, tônus muscular)
2. Atividade de Relação - É o movimento em si (dinâmica manual e visomotora, dinâmica geral).
3. Campos da inteligência - Atuação, memória, especialmente visual, auditiva, mental e motor.

2.2.3. Interesse do Exame Psicomotor

O exame psicomotor é o complemento indispensável do exame psicológico, o elemento capital na observação dos variados problemas de inadaptação que pode viver a criança.

1 - É o ponto de partida de toda a ação educativa e reeducação psicomotora, pois nos permite:

- a) Analisar os problemas apresentados
- b) Classificar as crianças em grupos homogêneos
- c) Diferenciar os diversos tipos de debilidade
- d) Suspeitar e inclusive afirmar a presença de problemas psicoafetivos.
- e) Apreciar o progresso da criança
- f) Fazer um trabalho de atendimento individual na área.

2 - O exame psicomotor permite ao professor de reeducador especializado, assinalar ao professor de ensino especial, com os quais colabora mostrando certas dificuldades particulares, tais como:

- a) Problemas de Lateralidade
- b) Dificuldades de ordem perceptiva (estruturação da direita e da esquerda) ou de ordem neuromotora.
- c) Equilíbrio
- d) Coordenação visomotora
- e) Coordenação dinâmica

3 - O Exame psicomotor permite ao professor ou reeducador especializado participar de forma otica.

- a) Nos diversas reuniões de sínteses
- b) Assim como nos de organismos de seleção e agrupamento, para diversas classes de ensino especial.
- c) Nos conselhos de classe
- d) Nos aconselhamentos diretos com o médico, psicólogo e assistente social.

4 - O Exame psicomotor interessa enfim:

- a) Ao psiquiatra, por dar-lhe oportunidade, depois da observação de certos problemas especiais, de complementar os diversos testes mentais ou projetivos.
- b) Ao psicólogo
- c) Ao reeducador psicomotriz
- d) E ao professor de classe, que trabalha em todas as áreas, cognitiva, afetiva e motora.

E todas essas atividades são propostos no judô, começando com um trabalho de base que nada mais seriam essas atividades de psicomotricidade, condicionamento físico geral e a de judô propriamente dito.

Resumindo, não só um fim, mas uma atividade meio, que englobaria todo um sistema muito complexo, cheio de minúcias,

que nada mais seria, os próprios alunos.

2.3. O PROBLEMA DOS DISTÚRBIOS VISUAIS

definição - A definição da cegueira, mais frequentemente adotada pelas instituições estatais, com o fim de determinar a habilitação dos cegos para os diversos serviços, baseia-se em duas características: a acuidade visual e o campo de visão. Uma pessoa é considerada cega se corresponde a um dos critérios seguintes:

A visão corrigida do melhor de seus dois olhos é de 20/200 ou menos, isto é, se ela pode ver a 20 pés (6 metros) o que uma pessoa de visão normal pode ver a 200 pés (60 metros) ou se o diâmetro mais largo do seu campo visual subtende um arco não maior de 20 graus, ainda que sua acuidade visual nesse estreito campo possa ser superior a 20/220. Esse campo visual restrito é muitas vezes chamado visão em túnel ou em ponta de alfinete, e a essas definições chamam alguns cegueira legal ou cegueira econômica.

No passado, esta definição da cegueira foi também amplamente empregada pelos educadores para determinar a habilitação das crianças visualmente prejudicadas para programas especiais. As crianças com uma acuidade visual inferior a 20/200 foram colocadas em classes para os cegos; aquelas cuja acuidade ficava entre 20/200 e 20/70 incluíam-se nas classes

para os dotados de visão parcial. Os educadores não tardam a perceber certas limitações no uso desses critérios de classificação educacional, já que a acuidade visual, por si só, pouco informa a respeito da capacidade visual. O grau em que uma criança faz uso da sua visão é uma variável significativa no processo educacional, e nem sempre pode ser determinado por meio de medidas objetivas. Duas crianças com a mesma acuidade visual determinada pelo oculista podem fazer um uso bem diferente da sua visão, a tal ponto que uma delas tenha de ser ensinada por métodos auditivos e táteis, enquanto a outra pode aprender por métodos visuais.

Em consequência, os educadores procuraram uma definição mais útil e explícita do distúrbio visual no que se refere à educação.

Abel descreveu, em termos acessíveis ao leigo, cinco categorias de anuidade visual.

1. Cegueira total, ou percepção da luz, ou acuidade visual até 2/200 exclusive: O indivíduo é incapaz de perceber qualquer movimento ou gesto à distância de 90 cm;

2. Percepção de movimentos ou formas, ou acuidade visual até 5/200: incapaz de distinguir os dedos da mão à distância de 90 cm.

3. Acuidade visual de 10/200: incapaz de ler os tí-

tulos maiores de um jornal, mas possivelmente capaz de ter uma percepção suficiente para movimentar-se no espaço;

4. Acuidade visual até 20/200: seria incapaz de ler tipo de corpo 14 ou menor mas possivelmente capaz de ler os títulos grandes de um jornal.

5. Acuidade visual de 20/200: poderia ler tipo de corpo 10, mas teria visão insuficiente para as atividades diárias em que a visão é essencial.

No passado, uma criança que se incluísse em qualquer das cinco categorias acima seria considerada cega para fins educacionais e usaria o alfabeto braille como meio principal de leitura. Mais recentemente, um número cada vez maior de crianças com uma acuidade visual incluída numa das três últimas categorias pode ler textos impressos ou uma combinação de braille e texto, impresso. Não se pode decidir unicamente com base na acuidade visual se uma criança deverá ser educada por métodos auditivos ou táteis, por métodos visuais. Muitas vezes, a mestra deve determinar o método de instrução observando o grau de eficiência da criança nas tarefas visuais requeridas pelo programa escolar. Torna-se frequentemente necessário um teste que inclua tanto o uso do braille como de textos impressos. Usando-se as cinco categorias acima delineadas, é possível fazer algumas amplas generalizações no que

2.4. INFLUÊNCIA DOS DISTÚRBIOS VISUAIS SOBRE O CRESCIMENTO E O DESENVOLVIMENTO:

Esta seção considera o impacto da deficiência visual sobre o crescimento e desenvolvimento físico, mental, emocional e social da criança. Uma boa programação educacional deve fundar-se no conhecimento e compreensão dessas influências.

Desenvolvimento Físico - O distúrbio visual não influencia diretamente sobre o desenvolvimento físico da criança, no que concerne à estatura e ao peso. As crianças cegas por efeito da fibroplasia retro/entocular podem ficar abaixo da média, quanto a essas medidas. O fato, no entanto, se atribui a prematuridade do que é incapacidade visual.

As crianças que padecem de distúrbios visuais, tanto as que possuem visão parcial como os totalmente cegos, tendem a ser prejudicadas no tocante às habilidades físicas e à coordenação física geral. Por outro lado, essa deficiência pode não provir da própria incapacidade visual tanto quanto das influências ambientais

À criança que tem distúrbios visuais falta, muitas vezes, o estímulo para a realização de muitas atividades físicas, e como não pode aprender por imitação, fica impossibilitada, a menos que os pais e professores dediquem algum tempo a ensiná-la. Muitas vezes, as fases de movimentação que constem em arrastar-se e engatinhar não chegam a concretizar-se, porque a criança

não é visualmente motivada a mover-se em direção aos objetos. Com freqüência, aprende tarde a caminhar. O pular e o correr, que parecem manifestar-se naturalmente na criança dotada de visão normal, precisam em geral, ser ensinados ao deficiente. Muitas vezes, é necessário vencer primeiro o medo, por causa dos perigos inerentes à execução espontânea desses atos. Os exercícios ativos, como pedalar um triciclo ou uma bicicleta, jogar beisebol, futebol e outros jogos rápidos da época infantil, são, da mesma forma, freqüentemente excluídos das suas experiências. O movimento rápido e a incapacidade de perceber com a devida antecedência os obstáculos que possam encontrar-se no seu caminho retringem-lhe a liberdade de ação. Em consequência, uma participação limitada nas atividades dos grandes músculos durante uma infância normal tende a restringir o desenvolvimento das habilidades físicas.

2.4.1. Identificação

A criança portadora de um grave defeito visual é geralmente indentificada bem cedo, nos anos pré-escolares, aquela que possui uma visão parcial, no entanto, talvez só venha a sê-lo ao cursar a escola de 1º grau, quando, a aptidão visual se torna um elemento importante na execução das tarefas escolares. A identificação dessas crianças depende muitas vezes da observação da professora. A criança, por si mesma, não pode

dizer se enxerga bem ou mal, porque lhe falta um padrão pelo qual aferir a sua aptidão visual. Pode identificar objetos pelo som e não pela visão, sem saber que aqueles que a cercam usam a visão, em lugar da audição para identificá-los. Por exemplo, têm-se observado casos de crianças dotadas de visão parcial que, ao serem munidas de lentes adequadas, se admiram de ver pássaros que anteriormente não podiam enxergar, devido à sua visão limitada: essas crianças tinham associado a palavra passarinho a um som e não a um objeto visível.

A National Society for the Prevention of Blindness organizou uma lista das seguintes peculiaridades de conduta como indícios significativos de defeitos visuais na criança:

- 1 - Faz movimentos com a mão diante dos olhos, numa tentativa de clarear a visão obscura, esfrega freqüentemente os olhos, franze a testa;
- 2 - Fecha um dos olhos ou cobre-o com a mão, inclina a cabeça ou lança-a para frente quando olha objetos próximos ou distantes.
- 3 - Tem dificuldades em ler ou em outras tarefas que requerem um esforço de visão.
- 4 - Pestaneja muito, chora com freqüência ou fica irritado quando executa trabalhos que exigem atenção.
- 5 - Tropeça ou bate com o pé em objetos pequenos.
- 6 - Chega muito aos olhos os livros ou objetos pequenos

- 7 - É incapaz de tomar parte em jogos que requeiram visão a distância .
- 8 - Mostra uma sensibilidade excessiva a luz.
- 9 - Tem as pálpebras orladas de vermelho, inchadas ou encrostadas, com terçõs frequentes.
- 10 - Queixa-se de não poder enxergar bem, de sentir tonturas, dor de cabeça ou náuseas depois de um trabalho visual exigente e de ter a visão turva ou de "*ver debrado*".

2.5. A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES COM MOVIMENTO

Os grandes teóricos precursores dos métodos da educação, frisaram categoricamente a importância que o método lúdico proporciona à educação da criança.

" *Ensina-lhe por meio de jogos*", já proclamava Rabelais, em pleno século XVI.

Rousseau demonstrou que a criança tem maneira de ver, de pensar e de sentir que lhe são próprios, demonstrou que não se aprende nada senão através, de uma conquista ativa: "*Não deis a vosso aluno nenhuma espécie de lição verbal: só de experiência ele deve receber*".

Percebeu ainda que só se aprende a pensar se exercitam os sentidos, instrumentos da inteligência. Destacou também, o interesse que a criança sente quando ela participa de um processo que corresponde a sua alegria natural.

Para Piaget, os métodos ativos da educação das crianças, exigem todos que se forneça às mesmas, um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil.

Pode-se inculcar qualquer habilidade intelectual numa aula e que as experiências com movimento são o ingrediente principal. A atividade motora é não somente, motivante, como também facilmente observável pelos professores, e assim não somente encoraja as crianças a participar, mas também fornece ao professor observador, um feedback vivo da qualidade do esforço intelectual, no qual se lançaram as crianças.

As atividades motores são imperativas para o desenvolvimento das habilidades perceptivas, e as habilidades perceptivas são sustentáculos de todo aprendizado.

Pesquisas realizadas sugeriram que uma melhora no autoconceito da criança, conseguida através de experiências agradáveis e bem sucedidas nas atividades físicas, podem resultar num esforço maior para tarefas que requeiram a participação intelectual, assim como o funcionamento motor. É sugerido que entre o engajamento em tarefas de movimento a melhora intelectual observada, mais tarde, existe um importante fator intermediário o eu, que, se reforçado será refletido numa personalidade mais integrada e mais estável, alguém mais apto para lidar com as tarefas de sala de aula, tão bem como com uma bola no campo.

As atividades com movimento, melhoram a eficiência da criança em tarefas que requerem raciocínio e capacidade perceptiva, por várias razões, as atividades motoras geralmente requerem muita atenção. Quando todo o corpo está em ação, participando de um jogo no qual as habilidades acadêmicas ou em condições ou estímulos exteriores;

- programa de treinamento motor, podem manter as crianças prestando atenção nas condições ou estímulos exteriores;
- programas de treinamento motor, podem manter as crianças longe das nervosas atividades em sala de aula, nas quais elas podem estar deixando a desejar.
- usando jogos ativos como metodologia do aprendizado, tende-se a juntar uma atividade altamente gratificante e conceituada, com uma que pode não ser tão prezada, e dessa forma se dará mais satisfação na prática do ensino;
- as atividades como movimentos fornecem atos concretos para a experimentação a observação e o pensar.

A educação pelo movimento, constitui uma peça chave do edifício pedagógico, permitindo resolver com maior facilidade, os problemas que hoje se apresentam ao escolar, preparando-o melhor para a vida. Este meio educativo não é verbal, é um vínculo incomparável para aguçar algumas percepções, desenvolver determinadas formas de atenção que desencadeia certos processos mentais.

O movimento é, ao lado da palavra, a forma mais importante do relacionamento social, é, através do movimento que a

criança atinge o seu desenvolvimento psicológico, corporal e do mundo que o cerca. Unicamente a criança que domina o uso do seu corpo pode aprender os elementos do mundo ao seu redor, e estabelecer relações entre ele e assim desenvolver sua inteligência.

A educação física significa educação por meio de exercícios que envolvem, não apenas atividade e movimento, mas também componentes emocionais, comportamentais e intelectuais.

Beneficia o ajustamento psico-motor na evolução da criança, que influencia de maneira clara as áreas cognitivas e afetivas, e sendo assim a educação física terá participação decisiva na aprendizagem da criança.

2.6. MÉTODO ESPECIAL

Não existe um método especial para ensinar judô para alunos portadores de deficiência visual. O que é necessário para atingir os objetivos é fazer uso das instruções verbais, usando-se sempre a terminologia adequada. Durante as aulas o professor explica ao aluno o desenvolvimento do exercício de forma sucinta e precisa. O aluno comete erros devido a falta de compreensão, será preciso enumerá-las para ele, explicar o mais claramente possível, a fim de que possa corrigir-se. Apenas em algumas ocasiões o aluno poderá ser guiado para a execução do exercício.

Mais que nunca então deve-se ressaltar as qualidades do professor que se propõe a trabalhar com alunos deficientes visuais: equilíbrio, esportividade, alegria e principalmente deve inspirar confiança em seus alunos, deve ajudar sem dependizá-lo.

"A segurança - é a base do trabalho, pois traduz um sentimento de confiança".

METODOLOGIA

É o modo de ensinar, a maneira de proceder o caminho que conduz ao objetivo. Esta deve ser adaptada de tipo de aluno, idade, sexo, deficiência - cego ou visão subnormal, número de participantes - bem como as condições externas (local, material, instalações, etc...)

Para atingir o objetivo fixado, é indispensável a preparação cuidadosa e por escrito. Uma boa preparação já é meio sucesso. Portanto nada de aulas improvisadas. Os deficientes visuais possuem uma sensibilidade muito desenvolvida e percebem imediatamente se o conteúdo e a forma de exercícios são ou não válidos.

Para um bom começo, de um método de trabalho, é necessário levar em conta as observações seguintes:

O trabalho da primeira hora de exercícios consiste.

- 1 - Preparação dos participantes interna e externamente.
- 2 - Cada um deve constatar com satisfação, que encontram o ponto de partida da atividade física;
- 3 - É preciso relaxar a musculatura não exercitada, e torná-la flexível e ágil;
- 4 - É preciso habituar progressivamente os ligamentos muito tensos, ou os flácidos, a uma atividade normal que aumentará sua capacidade de rendimento e beneficiará todo o organismo.

Para o bom ordenamento das horas de judô, deve-se levar em conta o aspecto psicológico, antes de tudo o deficiente visual deve encontrar alegria e equilíbrio. Os sucessos agem sobre o deficiente como um estímulo ao judô. Uma experiência positiva torna-o mais valorizado. Ele compreende melhor o sentido dos esforços solicitados, e a confiança em si ajuda a avançar.

Antes de tudo, ele adquire a certeza de que a constância no esforço vai conduzi-lo ao sucesso. Mesmo sendo nosa meta a de levar aos deficientes à independência, não devemos negligenciar o fato de que nosso dever é imprimir-lhes confiança e ajudá-los.

PROGRAMA

A escola deve desenvolver um programa educacional objetivando a formação integral do educando e sua participação ativa como membro da sociedade. Toda criança, seja ela deficiente ou não, desenvolve-se em todos os seus aspectos: físico, emocional, técnico, social e intelectual, desde que lhes sejam dadas adequadas oportunidades.

A educação das crianças deficientes visuais tem seu início no lar onde os pais lhes devem proporcionar meios que os permitam participar de um plano de educação integrada, quando em idade escolar.

O programa que desenvolvemos com alunos deficientes visuais é dividido em: treinamento de base (preparação física = coordenação - equilíbrio - lateralidade - coordenação física - esquema corporal) treinamento técnico. E à recreação.

A parte propriamente dito do judô é aplicada no treinamento técnico.

2.7. JUDÔ PARA O DEFICIENTE VISUAL

Como foi mostrado anteriormente, não há diferença do judô aplicado em deficientes visuais, para crianças com visão normal, não existe nenhum método especial e sim força de vontade e paciência para mostrar algo diferente para uma criança que quer viver como qualquer outra.

Os alunos portadores de deficiência visual da escola Boa Vista praticantes de judô continuam entusiasmados com² prática de um esporte; como um deles sempre fala:

" agora só vou parar de treinar judô quando não mais puder andar". E são essas pequenas coisas que fazem Luis Arnaldo Fontana, outro professor da escola que também leciona com os judocas, e eu, a continuar nessa "luta", seja ela onde for, serão sempre uma lição de vida.

Iniciaram com trabalhos de coordenação, agilidade e força, para mais tarde sem dar início ao judô. Andar no tatami, segurar no quimono, reconhecimento da sala de judô, golpes básicos (Anexo III) primeiras imobilizações (Anexo IV), quedas básicas, iniciação ao Randori e participação em competições (Anexo V). Este foi o trabalho feito em um ano e seis (6) meses.

Todos os nossos objetivos estão sendo cumpridos e ainda mais, quase todos os alunos estão preparados para treinar em qualquer academia de Curitiba,

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho contém alguns dados sobre o deficiente visual, como reage em atividades físicas, como o judô, o método aplicado para aprender e judô, seus rendimentos com o passar do tempo, as esperanças como um atleta e como pessoa.

A idéia surgiu da necessidade de ocupar o tempo ocioso dos alunos portadores de deficiência visual da escola Boa Vista, com alguma atividade física e por nossa sorte o judô foi escolhido e aplicado no colégio com apenas alguns alunos participantes e mais tarde sim a frequência de todos alunos da escola.

4. RESULTADOS E CONCLUSÕES

Sem dúvida alguma, como já citamos várias vezes, os resultados são os melhores possíveis, superaram as nossas expectativas não só a nível de aula, mas sim nas competições e apresentação feitos durante esse tempo, outras pessoas que ainda não conheciam nada sobre o deficiente visual puderam presenciar e reconhecer o seu valor como pessoa; é mais uma de nossas propostas é fazer com que o judô e o portador de deficiência visual sejam reconhecidos a nível de uma sociedade.

E todas as nossas conclusões são consequência dos resultados, ou seja, que o prático de judô para deficientes visuais, seja divulgado por todos os "cantos" e que deficiente visual tenha outras oportunidades para praticar o judô e ao mesmo tempo tome conhecimento da importância, de uma atividade física para o seu bem estar físico e social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

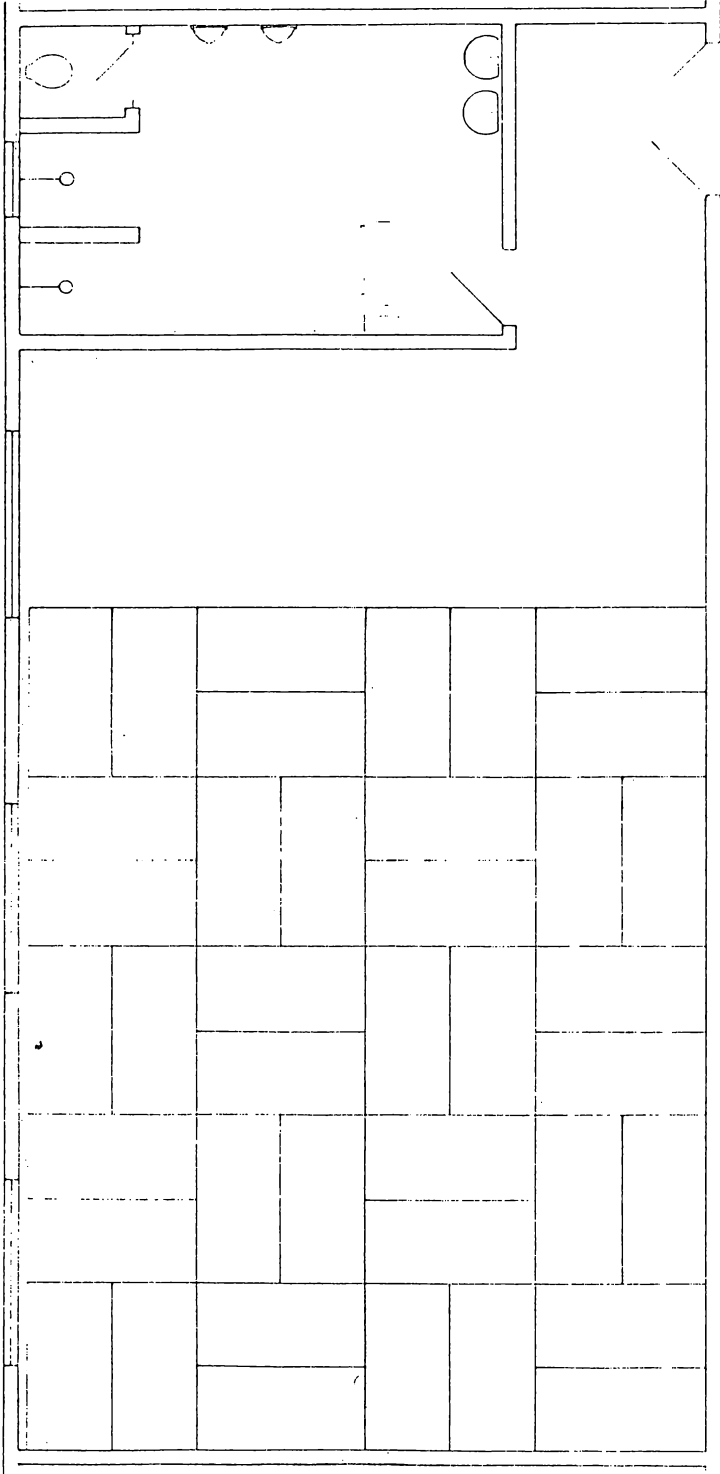
- CRUICKSHANK, Willian M. A Educação da criança e do jovem excepcional. Porto Alegre, Rio de Janeiro, 1982
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Brasil, Educação Física para o excepcional, SEED/MEC, 1982.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA . Brasil, Subsídios para Organização e Funcionamento de Serviços de Educação Especial: Área do Deficiente Visual. Rio de Janeiro, 1984
- BAGATINI, Vilson . Educação Física para o excepcional. Porto Alegre 1984.
- MISÉS, Roger . A criança deficiente mental. Uma abordagem Dinâmica. Rio de Janeiro, 1977.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA . Atividade Física para o deficiente. SEED/MEC, 1981.
- PÉREZ, Ramos . Diagnóstico psicológico. São Paulo, Autores Associados Cortez, 1982.

ANEXO I



ALUNOS DA ESCOLA

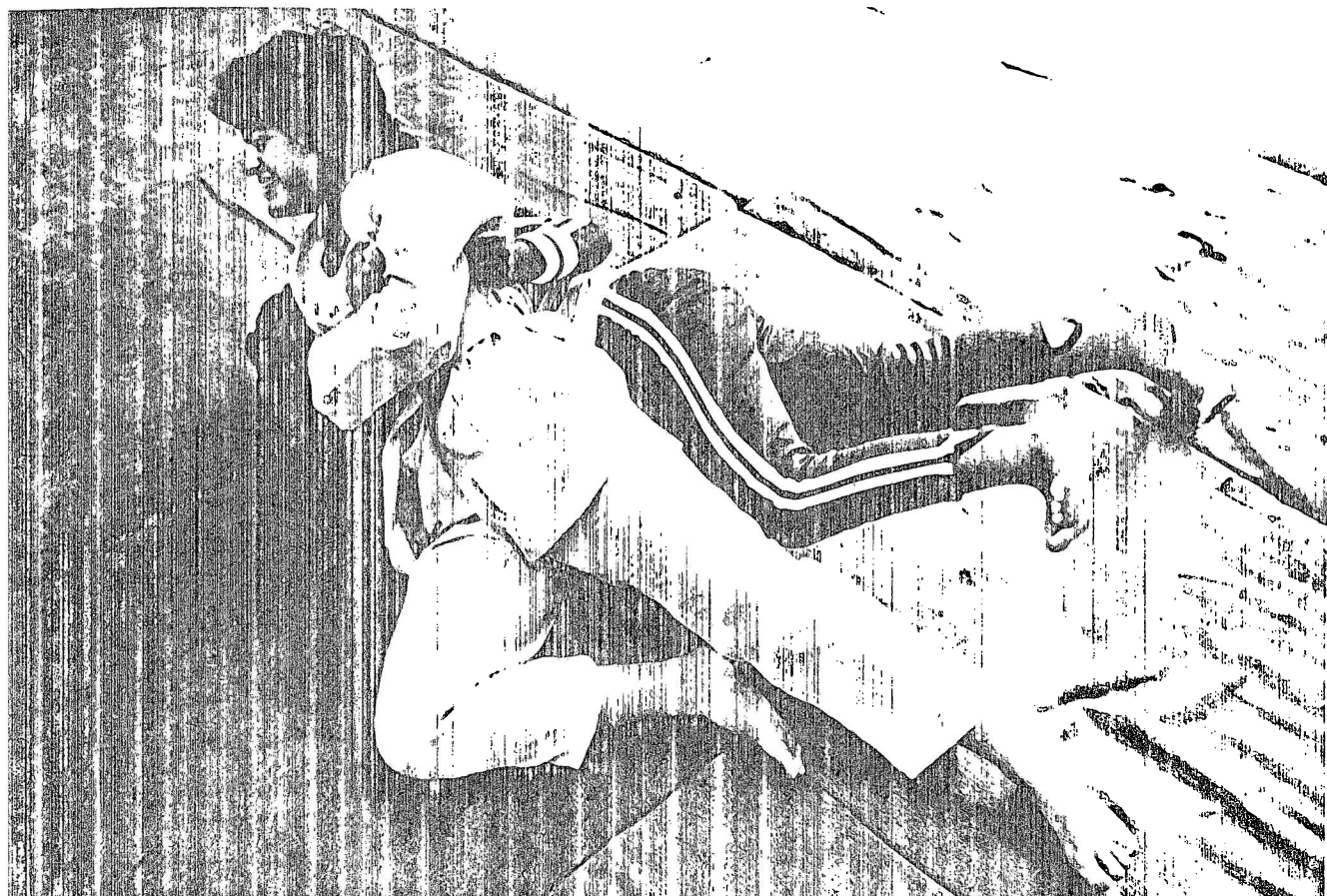
ANEXO II



Esc. 1:50
192

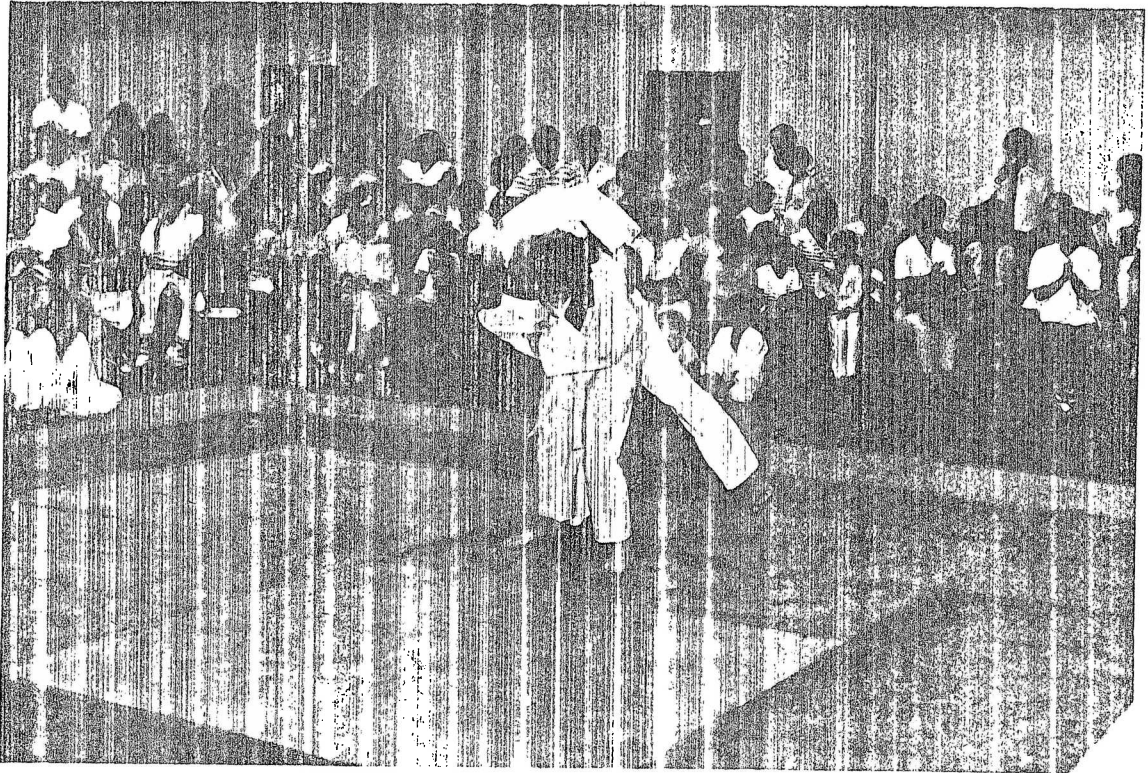


ANEXO IV



UMA DAS IMOBILIZAÇÕES DO JUDÔ PRATICADA NA
ACADEMIA

ANEXO V



- UMA DAS COMPETIÇÕES EM QUE OS ALUNOS PARTICIPARAM E OBTIU
- VERAM BONS RESULTADOS